



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 8, número 2, maio-ago. 2019

A COMPREENSÃO DA HISTÓRIA POR MEIO DA FICÇÃO: O REGIME MILITAR BRASILEIRO EM A NOITE DA ESPERA, DE MILTON HATOUM



THE UNDERSTANDING OF HISTORY THROUGH THE FICTION: THE BRAZILIAN MILITARY REGIME IN A NOITE DA ESPERA BY MILTON HATOUM

Ernani MÜGGE
Universidade Feevale, Brasil

Iago Ramon MÖLLER
Universidade Feevale, Brasil

Julia Pruss DUARTE
Universidade Feevale, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 24/06/2019 • APROVADO EM 21/11/2019

Resumo

O presente estudo trata das representações historiográfica e ficcional, problematizando a fronteira entre elas, e levanta a hipótese de que é possível compreender a história do regime militar brasileiro por meio da obra literária *A noite da espera*, de Milton Hatoum. Sendo assim, objetiva-se compreender como o autor se apropria de dados factuais para elaborar o texto, o que demanda a coleta e a análise das remissões ao mundo empírico. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre as fronteiras entre historiografia e ficção e, a partir disso, uma exploração dos encontros e desencontros entre discursos presentes em *A noite da espera* e registros historiográficos do regime militar brasileiro. Ao fim dos procedimentos, percebeu-se a possibilidade de analisar a verossimilhança externa da obra e concluiu-se que diversas “verdades” da narrativa vão ao encontro daquelas levantadas pelos historiadores. Torna-se claro, após a referida verificação, a obra literária em questão alcança uma de suas mais importantes potencialidades: a humanização da história.

Abstract

The following study deals with historical and fictional representations, problematizes the frontier between them and set the hypothesis that it is possible to understand the Brazilian military regime through the literary work *A noite da espera*, by Milton Hatoum. Thus, the objective is to understand how the author appropriates factual data to construct the text, which demands collection and analysis of remissions to the empirical world. To this end, a literature review about the frontiers between historiography and fiction was done and, therefore, an exploration of the matches and mismatches between discourses from *A noite da espera* and historiographic files about the Brazilian military regime. At the end of the procedures, the study revealed the possibility of analyzing the external verisimilitude of this Milton Hatoum’s literary work and concluded that different “truths” from the narrative respond to those set by historians. It became clear, after the verification, that the literary work at hand reaches one of his most important potentialities: the humanization of history.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: História. Ficção. Regime militar brasileiro. Milton Hatoum.

KEYWORDS: History. Fiction. Brazilian military regime. Milton Hatoum.

Texto integral

A literatura brasileira apresenta, ainda que de maneira pouco evidente, narrativas cujo enredo é articulado em torno da representação do regime militar brasileiro, que vigorou no país entre 1964 e 1985. Em algumas dessas narrativas, o tema, por vezes, aparece de maneira tangencial, noutras, sua incorporação constitui o próprio núcleo temático. Em ambos os casos, os textos proporcionam, a seus leitores, uma leitura diferente sobre os eventos transcorridos daquela que eles conseguem realizar nos livros de História, na medida em que os textos ficcionais resultam de um tratamento estético dos fatos, empreendimento responsável por reações emocionais e, conseqüentemente, por um contato renovado e singular com a temática.

A obra *A noite da espera*, de Milton Hatoum, faz parte desse conjunto de produções ficcionais sobre o período. A narrativa traduz sentimentos, a vida cotidiana e conflitos que marcaram Brasília entre os anos de 1968 e 1972, tendo Martim, então exilado em Paris, como narrador, o qual compartilha com o narratário suas lembranças da época.

Dentre as inúmeras investigações possíveis sobre a obra, optou-se, aqui, por compreender como o autor se apropria de dados factuais para escrever o texto. Tal objetivo é alcançado por meio da coleta e da análise das remissões ao mundo empírico. Para isso, faz-se necessário explorar, por meio de uma revisão bibliográfica, as fronteiras entre historiografia e ficção e, a partir disso, os encontros e desencontros entre discursos presentes em *A noite da espera* e registros historiográficos do regime militar brasileiro.

Visto que os períodos de exceção permanecem presentes na memória coletiva de um país, este trabalho se justifica na medida em que se propõe a demonstrar a importância da ficção para perpetuar essas lembranças, tomando por objeto *A noite da espera*.

1 FRONTEIRAS ENTRE HISTORIOGRAFIA E FICÇÃO

O que fundamenta a essência e o valor de um documento histórico? Que fatores socioculturais influenciam as representações de uma determinada época? Em que medida a literatura é capaz de expressar uma determinada época ou sociedade? Que elementos distinguem a historiografia da literatura? Perguntas como estas ilustram uma discussão que vem sendo redimensionada, desde a década de 1970, por textos como o manifesto *Nova História*, organizado por Jacques Le Goff e Pierre Nora, e os ensaios de Hayden White, nos quais o autor propõe a diluição das fronteiras entre as narrativas históricas e ficcionais.

Um mergulho na teoria literária, porém, evidencia que a preocupação em torno da correspondência entre ficção e realidade já estava presente na Antiguidade. Ela figura, em maior ou menor grau, nos estudos e tratados sobre literatura desde que Aristóteles se debruçou sobre a produção verbal de sua época, passando tanto pela poesia épica da obra homérica quanto pelos relatos históricos de Heródoto. O autor de *Poética* delimita uma fronteira fundamental entre a composição poética e a narrativa histórica. Conforme o pensador, “um se refere aos eventos que de fato ocorreram, enquanto o outro aos que poderiam ter ocorrido” (ARISTÓTELES, 2015. p. 97). Nesse sentido, “o que diferencia a *mímesis* trágica da narrativa histórica é, além do modo dramático, a presença de um *télos*, de uma finalidade para ação representada”, partindo da leitura de “finalidade” enquanto “catarse”, o “acontecimento final para o qual concorrem todos os elementos da tragédia” (PINHEIRO, 2015. p. 17-18).

Se Aristóteles determina a importância do modo dramático para a distinção do poético e do histórico, ele também declara não ser a forma o traço fundamental da escrita da história, afinal, “poder-se-ia apresentar os relatos de Heródoto em versos, pois não deixariam de ser relatos históricos por se servirem ou não dos recursos de metrificção” (ARISTÓTELES, 2015. p. 97). Isso fica evidente uma vez que a literariedade, aspecto do texto literário “constituído pelas metáforas,

metonímias, sonoridades, ritmos, narratividade, descrição, personagens, símbolos, ambiguidades e alegorias, os mitos e outras propriedades” (SAMUEL, 2011. p. 7), também se faz presente, especialmente na contemporaneidade, em outros gêneros textuais, inclusive o texto historiográfico.

Entre os aspectos que caracterizam a literariedade está a narratividade, que ganha lugar de destaque na presente discussão. Qual é, pois, a fronteira da narrativa? Se ela é “um processo em que determinados seres inventados (*personagens*) exercem uma certa ação (*enredo*), articulada no tempo e num ambiente” (SAMUEL, 2011. p. 8), como pode ela constituir um texto historiográfico? Se não é menos poeta aquele que compõe um texto poético “em função de eventos que de fato ocorreram” (ARISTÓTELES, 2015. p. 99, 101), é possível dizer o mesmo do historiador que registra a história por meio da narratividade?

Hayden White levou mais longe essa questão, ao considerar as narrativas históricas “ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências” (WHITE, 1994. p. 113). O mesmo autor, porém, de acordo com Chartier, defende que, dar o referido tratamento à narrativa histórica, não é “despojá-la do seu valor de conhecimento, mas simplesmente considerar que carece de um regime de verdade próprio” (2001. p. 134).

Uma das alternativas é o entendimento de que tanto a literatura quanto a historiografia definem “verdades”. A partir dessa percepção, é possível visualizar um centro de convergência, em que ambas as modalidades de escrita se diluem e, conseqüentemente, se descaracterizam como objetos distintos. A diferença, porém, como propõe Lima, é que o discurso ficcional “põe [esta verdade] entre parênteses” (2006. p. 21). Como declara o teórico, “a escrita da história tem por aporia a verdade do que houve. Se lhe retira essa prerrogativa, ela perde sua função” (2006. p. 21).

Submetida à parcialidade, a verdade que a escrita da história demanda é sempre porosa, i. e., sujeita à retificação, e não só à do erro do julgamento de seu agente. Mas isso não a torna constitutivamente imaginativa. Parcial, a verdade na escrita da história não reduplica o que já estivesse no fato, mas o submete a uma deliberação judicativa; a verdade é da mesma família do que sucede ao fim de um processo judiciário (LIMA, 2006. p. 65).

Percebe-se, portanto, que a presente discussão sobre historiografia e literatura não determina a destruição da prerrogativa nuclear daquela. Isso, porém, não significa que o texto literário não possa se converter em uma fonte importante para a investigação de cunho histórico. Diante do “esgarçamento” do conceito de documento, visto que este “ampliou-se muito mais do que os historiadores tradicionais queriam, mas, igualmente, não atingiu o patamar de ‘qualquer coisa’ que certos vulgarizadores do pós-modernismo pregavam” (KARNAL; TATSCH, 2009. p. 16), o texto literário ganha valor enquanto espelho ou representação da sociedade. Afinal, o escritor é sempre “alguém desempenhando

um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores ou auditores” (CANDIDO, 2010. p. 84). Ainda que Antonio Candido se refira exclusivamente ao escritor de literatura, percebe-se que esse papel é desempenhado também por aquele que escreve a história. Afinal, se a obra literária “depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação” (CANDIDO, 2010. p. 18) e, ao mesmo tempo, modifica a conduta e as concepções do mundo dos indivíduos, conclui-se que ela é, de qualquer forma, social.

É importante que se tenha em mente ambos, as causas e os efeitos, para que se possa lançar um olhar sobre a obra de Hatoum e entender o aspecto social de *A noite da espera*. Diante disso, é possível questionar as motivações do autor, a influência da contemporaneidade nessas motivações e na construção da obra, seja na forma ou no conteúdo, e a recepção da obra e do tema no momento de sua publicação, para citar alguns exemplos.

Neste artigo, porém, interessa a “modalidade mais simples e mais comum” de estudo de tipo sociológico em literatura, na qual se objetiva “verificar a medida em que as obras espelham ou representam a sociedade, descrevendo os seus vários aspectos”, estabelecendo, assim, “correlações entre os aspectos reais e os que aparecem no livro” (CANDIDO, 2010. p. 19).

Isso não significa, por outro lado, que será possível encontrar, na representação proposta por Hatoum, um retrato exato do regime militar brasileiro. Afinal, é preciso ter consciência da “relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poiese” (CANDIDO, 2010. p. 22). Esta característica do trabalho artístico é, inclusive, uma das distinções possíveis em relação ao trabalho historiográfico: a literatura “às vezes precisa modificar a ordem do mundo para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento de verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica” (CANDIDO, 2010. p. 22). Uma verdade entre parênteses, como defende Lima (2006), mas ainda uma verdade.

Além disso, mesmo que *A noite da espera* integre o conjunto de obras da “literatura contemporânea”, entende-se que, como declara Ferreira, “o romance contemporâneo está inteiramente entranhado na história e de história, não só porque integra os modos de produção, circulação e consumo da cultura em determinadas épocas, mas também por ter o tempo como elemento básico de sua estrutura narrativa” (2009. p. 75).

Em *A noite da espera*, tempo e espaço de um Brasil do século passado – ainda que próximo – ressurgem como elementos centrais de uma narrativa que articula pessoas e fatos extraídos dos registros históricos e personagens exclusivos da dimensão ficcional. Tendo em mente que os episódios “vividos” pelos personagens na referida obra não são relatos históricos, mas representações construídas a partir desses relatos, emerge a necessidade de analisar a verossimilhança externa da narrativa, ou seja, questionar em que medida essas representações são tidas como possíveis.

2 O REGIME MILITAR PELAS LENTES DA HISTÓRIA E DA FICÇÃO

Entre a deposição de João Goulart, em 1964, e a posse de José Sarney, em 1985, o Brasil passou por 21 anos de governo militar presididos, sucessivamente, por Humberto de Alencar Castello Branco (1964-1967), Costa e Silva (1967-1969), Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974-1979) e João Figueiredo (1979-1985). A intervenção dos militares no cenário político e social, tomando controle das decisões do governo e reprimindo grupos de oposição e manifestações de contestação, foi imediata, o que garantiu, ao regime, a pertinente alcunha de ditadura, termo usado por Schwarcz e Starling (2015) para se referir ao período.

Essa designação, todavia, é uma dentre os aspectos que, desde a promulgação da lei da Anistia, em 1979, são constantemente revisitados por apoiadores do regime. Afinal, ao mesmo tempo em que os leitores brasileiros tiveram contato com os “relatos de torturas e maus-tratos perpetrados nos anos anteriores” (FERNANDES, 2017. p. 24), houve, por outro lado,

a reação dos militares, comentando e contestando os fatos apresentados nas narrativas de seus opositores em declarações à imprensa, depoimentos, entrevistas e livros. Ainda hoje, não há consenso público sobre os malefícios da ditadura ao país. Ainda se leem defesas discretas, ou mesmo entusiasmadas, da necessidade de os militares terem assumido o poder e travado batalhas contra os militantes de esquerda. (FERNANDES, 2017. p. 24-25).

A literatura e a historiografia são dois dos campos nos quais esse embate de narrativas tem sido travado. Ao mesmo tempo em que os militares encontraram em entrevistas, depoimentos, autobiografias e diários um espaço para suas defesas, foi por meio de obras como “*O que é isso, companheiro?* e *Os carbonários, passando por Retrato Calado, Ousar lutar, Memórias do esquecimento, O baú do guerrilheiro* e tantos outros” (FERNANDES, 2017. p. 23), que as perspectivas e memórias daqueles que se declaram violentados pelo regime chegaram aos leitores brasileiros. Dentre as publicações mais recentes, destaca-se o romance *K. Relato de uma busca*, de Bernardo Kucinski. Na narrativa, que está alicerçada em documentos, testemunhos e memórias reais, um pai procura incansavelmente pela filha, Ana Rosa, presa pelos militares ao lado do marido e, desde então, desaparecida.

A noite da espera incorpora-se a esse conjunto de obras que lança uma visão crítica sobre o período de exceção na medida em que realiza um resgate das memórias dos opositores. É por meio da análise das correlações entre a obra de Hatoum e a historiografia do regime militar brasileiro que será possível verificar a dimensão do diálogo que o texto literário estabelece com o mundo empírico. Propõe-se, portanto, a partir da exploração gradual do enredo da narrativa literária, a classificação dessas correspondências em quatro aspectos distintos e representados na obra, estes devidamente separados em tópicos e que são, conforme a historiografia, marcas do período: o exílio, a censura e os protestos e confrontos.

2.1 O EXÍLIO

As primeiras linhas situam Martim, o narrador de *A noite da espera*, em meio a uma Paris prestes a celebrar a chegada do ano de 1978. Se naquele ano era Ernesto Geisel o presidente do Brasil, governante que, junto ao general Golbery de Couto e Silva, começaria a orquestrar o “processo de descompressão do sistema político” (SCHWARCZ; STARLING, 2015. p. 467), o contexto parisiense, por outro lado, é evocado para explicitar a ironia da resposta do narrador à paisagem festiva: “a memória ofusca a beleza desta cidade” (HATOUM, 2017. p. 13). De fato, o leitor é apresentado a diálogos e olhares carregados de apreensão, saudade e medo, os traços fundamentais de um Martim exilado, imagem cujo contraste reside nas lembranças da infância e da adolescência, anteriores à separação dos pais e à ida à Brasília.

Nesse sentido, o título da obra, ao fazer referência a um momento específico do enredo, trata de um dos aspectos centrais do exílio de Martim: a expectativa de rever a mãe, de quem ele não recebe notícias. Não por acaso, as primeiras linhas da obra evocam “inverno e silêncio” e “nenhuma carta do Brasil” (HATOUM, 2017. p. 11). Essa introdução também sugere a leitura de que essas incertezas são a motivação do personagem para registrar sua trajetória, como se buscasse, na reconstituição dos fatos, alguma explicação para o sumiço da mãe.

O estado do personagem faz referência a relatos de outros exílios ocorridos durante o regime militar brasileiro, fossem eles “voluntários”, a fim de escapar da perseguição política, ou impostos e operacionalizados pelo próprio governo. Como afirmam Schwarcz e Starling, “artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Nara Leão, Geraldo Vandré, Odair José e Chico Buarque foram obrigados a se exilar” (2015. p. 464). Na narrativa, outros dois nomes, Anita e Julião, apresentados por Martim como amigos da época em que esteve em São Paulo, ilustram essa condição. A certa altura, a personagem Anita comenta que, “no fim da noite, ele [Julião] se lembra do Brasil e fica na fossa. Com tanta saudade assim, acho que vai adoecer” (HATOUM, 2017. p. 14).

Um expatriado pode esquecer seu país em vários momentos do dia e da noite, ou até por um longo período. Mas o pensamento de um exilado quase nunca abandona seu lugar de origem. E não apenas por sentir saudade, mas antes por saber que o caminho tortuoso e penoso do exílio é, às vezes, um caminho sem volta. (HATOUM, 2017. p. 14-15)

O exílio representado na obra explicita também a luta pela sobrevivência em um país estrangeiro. Martim dá aulas particulares, toca violão nos subterrâneos que levam aos metrô e mora em um quatinho barato em um bairro de imigrantes. Julião, por sua vez, trabalha em um café na Boulevard Arago, emprego no qual é alvo frequente de chacotas dos franceses em função dos gaguejos decorrentes das tentativas de se comunicar no idioma deles. Damiano Acante, personagem que é posteriormente introduzido como professor do grupo de artes cênicas do qual o narrador fez parte em Brasília, sugere a Martim que ele dê aulas de português para pagar o aluguel e indica um pequeno estúdio, na Rua d’Aligre, cujo aluguel custaria quatrocentos francos. De fato, é da Rua d’Aligre que Martim datilografa suas memórias.

Damiano Acante também revela a Martim que “a embaixada de Cuba ajuda um pequeno grupo de exilados: o Círculo Latino-Americano de Resistência, Clar”

(HATOUM, 2017. p. 16), e que o grupo pretende imprimir um boletim de notícias e um tabloide. Ainda que esta investigação não tenha encontrado qualquer registro histórico referente ao grupo citado por Damiano em *A noite da espera*, o que sugere que o “Clar” seja parte apenas do universo ficcional, há paralelos na historiografia. De fato havia, dentre os grupos que partiram para o exílio após o AI-5, muitos militantes de esquerda “ligados à ideia de guerrilha urbana, como a Aliança Libertadora Nacional (ALN) e a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR)”, que “buscaram criar núcleos no exílio que mantivessem contato com militantes no Brasil” (CRUZ, 2018. p. 123).

O exílio dos brasileiros durante a Ditadura militar foi um fenômeno de *repressão política*. Aqueles que se vinculavam a grupos com ideologias distintas do regime eram perseguidos e perdiam sua liberdade de manifestação. No entanto, embora tivesse o objetivo de fragmentar a manifestação política da esquerda durante o regime militar, o exílio tornou-se um espaço de renovação desta oposição, pois os exilados organizaram manifestos, jornais e buscaram auxílio de organismos internacionais para denunciar a tortura, a ausência de liberdade e a desigualdade social no Brasil. (CRUZ, 2018, p. 124).

Os sentimentos e a mobilização política representados na ficção vão ao encontro, portanto, dos registros historiográficos, possibilitando a compreensão da violência inerente ao exílio decorrente das políticas daquele período. Tal fenômeno, porém, é uma consequência de práticas de censura operacionalizadas pelo próprio regime.

2.2 A CENSURA

Desde os primeiros anos do regime, a censura figurou como um dos pilares centrais da governabilidade dos militares. As políticas progrediram, no entanto, até culminarem na instauração do AI-5, um dos documentos mais emblemáticos do período, que

suspendia a concessão de *habeas corpus* e as franquias constitucionais de liberdade de expressão e reunião, permitia demissões sumárias, cassações de mandatos e de direitos de cidadania, e determinava que o julgamento de crimes políticos fosse realizado por tribunais militares, sem direito a recurso. (SCHWARCZ; STARLING, 2015. p. 455).

A censura é um aspecto presente em todo o enredo de *A noite da espera*, sendo o primeiro recurso dessa representação o envolvimento da mãe de Martim, Lina, com um artista. Se o divórcio de Lina e Rodolfo, pai do narrador, é o conflito inicial da obra, mola propulsora de todo o enredo subsequente, o amante da mãe representa uma classe que, durante a maior parte do regime militar, foi submetida

à censura e ao exílio. É natural, portanto, que o leitor questione se a mãe e o padrasto, dos quais Martim tanto espera notícias, não tenham sido presos e exilados pelo governo militar, como inúmeros artistas fora da ficção, ou até torturados e executados. Outro indício desses desfechos possíveis seria o fato de Lina não levar Martim para morar com ela e o amante, o que leva o filho a questionar se “a falta de dinheiro” seria “uma desculpa ou uma razão verdadeira” (HATOUM, 2017. p. 14).

Ao se mudar para Brasília, a personagem constrói uma relação com o dono de uma livraria, Jorge Alegre, passando a frequentar o local, a receber livros emprestados e, posteriormente, a trabalhar como atendente. Além disso, o auditório da livraria *Encontro* é apresentado a Martim como um espaço destinado a “ensaios de dramaturgia, palestras, projeções de filmes, exposições de pintura e até festas” (HATOUM, 2017. p. 27). Não por acaso, Jorge se enquadra no perfil que os militares costumavam considerar “subversivo”, em especial por articular, clandestinamente, a exibição de um filme cubano. De uma hora para a outra, ele fecha a livraria e some. Martim recebe um recado no qual Jorge afirma estar bem, mas isso não põe fim à interrogação sobre seu destino.

Nesse mesmo período, o protagonista da narrativa se torna membro de um grupo de teatro constituído por estudantes da UnB (Ângela, Dinah, Fabius, Lázaro, Nortista e Vana) e pelo professor Damiano Acante. Em determinado momento, Damiano propõe a encenação de uma releitura do texto *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo, misturado com “trechos da *Teogonia*, do *Protágoras* e de uma peça de um autor brasileiro” (HATOUM, 2017. p. 112). Após a apresentação a uma dupla de censores, o texto é liberado mediante a exclusão de cinquenta e duas frases e a substituição de várias palavras. Entre as alterações, constam palavras como “inferno” e o cenário da peça, o qual fazia referência ao contexto brasiliense.

Os mesmos estudantes também se dedicam, nesse período, à produção de uma revista de arte e literatura, a *Tribo*. A impossibilidade de publicar textos sobre política não impede, porém, que muitos dos participantes da revista, por suas ligações com movimentos estudantis, passeatas e protestos, sejam presos pelo Dops (Departamento de Ordem Política e Social). Martim e Dinah que, por uma coincidência, escapam deste destino, chegam a questionar os motivos da prisão: “os textos da *Tribo* criticados por Lina em sua carta? Um artigo sobre o Cinema Novo, as entrevistas com Lúcio Costa e um diretor de teatro? A foto do Boal, no exílio?” (HATOUM, 2017. p. 229).

Esses eventos representados na ficção são corroborados pela historiografia. O presente estudo explicita que uma das peças citadas em *A noite da espera*, “Um bonde chamado desejo”, foi extraída diretamente dos registros historiográficos. O fato aconteceu em fevereiro de 1968, quando “a censura tirou de cartaz a peça” e “proibiu a atriz Maria Fernanda de atuar por trinta dias” (SCHWARCZ; STARLING, 2015. p. 465).

O governo carregava consigo uma proposta de silêncio, e utilizou a censura política como ferramenta de desmobilização e supressão do dissenso. A ideia era aparentemente simples: combinava manejar o controle sobre a produção e a circulação de bens culturais no país com repressão política. Nenhum outro órgão cresceu mais depressa [do que o Centro de Informações do

Exército], e a censura passou a atuar com diferentes objetivos: garantir o controle do fluxo público da informação, da comunicação e da produção de opinião, reprimir o conteúdo simbólico presente na produção cultural, e manipular os mecanismos de memória e interpretação da realidade nacional. (SCHWARCZ; STARLING, 2015. p. 464).

Na esfera da ficção, Martim não experiencia somente a censura do regime, mas também aquela imposta dentro de casa pelo pai. Admirador dos militares e engenheiro civil ambicioso, Rodolfo se muda para a capital com o filho para, inicialmente, trabalhar como funcionário da *Novacap* (Companhia Urbanizadora da Nova Capital). Quando ele percebe Martim envolvido nas movimentações políticas dos estudantes da UnB, acusa constantemente o filho de estar querendo atrapalhar seus planos. O rancor que guarda pela ex-esposa e os contrastes ideológicos com o filho se mostram os principais fatores responsáveis, durante a sequência de ações, pela deterioração da relação familiar.

Os conflitos com o regime militar não se deram somente no campo das artes ou das ideias: os protestos de rua e os grupos de resistência armada se tornaram manifestações icônicas do período ditatorial. Neste primeiro volume da série *O lugar mais sombrio*, em contrapartida, é a organização estudantil em torno de manifestações públicas de contestação, meio no qual Martim se percebe inserido, que ocupa posição de destaque.

2.3 PROTESTOS E CONFRONTOS

Quando, em 28 de março de 1968, a “notícia da morte do secundarista Edson Luís de Lima Souto, assassinado pela polícia com um tiro na nuca numa manifestação de protesto no restaurante Calabouço, no Rio de Janeiro, percorreu o país” (SCHWARCZ; STARLING, 2015. p. 461), o que antes era uma mobilização dos estudantes acabou sensibilizando a população e ganhando novas proporções.

A historiografia confirma a atuação de estudantes que foram, de fato, alguns “dos principais protagonistas da luta contra o regime militar no Brasil” (MEMÓRIAS, [2014]).

Inconformados com o autoritarismo e a repressão, muitos estudantes tiveram a coragem de enfrentar as forças repressoras, dispostas a massacrar jovens idealistas e contestadores, ou qualquer um que simpatizasse com ideias consideradas subversivas. (MEMÓRIAS, [2014]).

No plano da ficção, quando Martim chega a Brasília, ele ainda é um estudante da Educação Básica. Por outro lado, a localização de sua escola, nas proximidades da Universidade de Brasília, garante a *ele* e aos outros alunos o contato com os estudantes do nível superior. No dia 31 de março, quando os alunos se deparam com o cancelamento das aulas, o personagem observa que

a maioria dos alunos do Centro de Ensino Médio tinha ido à assembleia no campus. Durante o almoço no bandejão, os únicos universitários falavam de comícios-relâmpago e protestos em vários lugares: rua da Igrejinha, praça Vinte e Um de Abril, calçada da Casa Thomas Jefferson... Um alto-falante no barracão da Federação de Estudantes transmitia uma música estranha, parecia marcha militar. Dinah distribuía panfletos. (HATOUM, 2017. p. 39-40).

Martim, sob uma perspectiva ingênua, anda em direção ao cinema pelas ruas poluídas por “gritos e barulhos de bombas” (HATOUM, 2017. p. 41) da Asa Norte e presencia a movimentação de alguns estudantes, que “enchiam garrafas com um líquido claro e colocavam estopa no gargalo”, de jovens que atiravam pedras nos veículos da polícia e de Dinah e outro sujeito, que “escreviam numa faixa de pano a palavra ‘Assassinos’.” (HATOUM, 2017. p. 40).

A resposta de um governo ditatorial às manifestações de protesto, porém, não poderia ser outra senão uma repressão ainda mais violenta. Em meio à balbúrdia, Martim vê uma cena de espancamento e sequestro protagonizada por dois policiais:

Um Dauphine branco passava devagar pela W1 e brecou perto de uma Veraneio na contramão. O motorista da Veraneio acendeu o farol alto, mas ainda não estava escuro. Dois homens à paisana saíram da Veraneio e agarraram o motorista do Dauphine; outro homem, mais forte, fsgou do banco traseiro uma moça baixinha e magra. Algemou-a e enganchou no pescoço dela o polegar e o indicador, feito uma forquilha. O motorista do Dauphine foi arrastado até a frente da Veraneio, o clarão dos faróis o cegava enquanto ele se defendia dos socos e pontapés; a moça magra foi arrastada até o clarão, depois o corpo amolecido e ensanguentado do motorista do Dauphine foi jogado no porta-malas da caminhonete, a moça e os policiais sentaram no banco traseiro e a Veraneio tomou o rumo do Eixo Rodoviário. (HATOUM, 2017. p.41).

No mesmo dia, fugido da manifestação e sem poder ir ao cinema, Martim decide sair para remar no lago e sente na pele, pela primeira vez, as consequências daquele estado de conflito e repressão. Depois de deitar no bote e pegar no sono, acorda com soldados apontando uma metralhadora para seu peito:

O vento levara o bote até a mureta que cerca o Palácio da Alvorada, um soldado da Guarda Presidencial me revistou, fui conduzido a uma delegacia na Asa Sul. (HATOUM, 2017. p. 42-43).

Alguns meses depois dos incidentes de março, fora da ficção, os protestos decorrentes do assassinato de Edson e das respostas violentas da polícia atingiriam seu ápice na chamada “sexta-feira sangrenta”. No dia 21 de junho, cerca

de 3 mil alunos reuniram-se na praça localizada entre a Faculdade de Educação e a quadra de basquete. Esse foi o estopim para o decreto da prisão de sete universitários, entre eles, Honestino Guimarães. Com o decreto, agentes das polícias militar, civil, política (Dops) e do exército invadiram a UnB e detiveram mais de 500 pessoas na quadra de basquete. Ao fim do episódio, sessenta delas acabaram presas e o estudante Waldemar Alves foi baleado na cabeça, tendo passado meses em estado grave no hospital.

Os fatos do dia 21 são referidos também em *A noite da espera*, quando o personagem Lázaro cita o assassinato de três estudantes durante a manifestação no Rio. Em relação às invasões da UnB por parte dos militares, Martim dá detalhes, meses depois, sobre novas e frequentes cenas de violência:

Numa quinta-feira de agosto, quando o campus da UnB foi invadido e ocupado, professores, alunos e deputados da oposição foram espancados e presos, os laboratórios dos cursos de medicina e biologia, destruídos, os animais na mesa de cirurgia agonizaram até a morte, um estudante de engenharia foi baleado na testa... As incursões da polícia ao campus continuaram até o fim do semestre. (HATOUM, 2017. p. 54).

Na medida em que se envolve com as atividades do grupo de teatro e da revista *Tribo*, Martim passa a acompanhar de perto manifestações de protesto como as dos amigos Fabius, Dinah e Nortista, que pintam com spray “a parede de uma escola, de duas lojas e de uma taberna fechadas”, além de uma placa do governo federal, na qual fazem um xis no slogan ‘Brasil: Ame-o ou Deixe-o’ e “escrevem da direita para a esquerda a palavra ‘Educação’” (HATOUM, p. 105-106).

Os diversos encontros entre a historiografia nesta seção reforçam, portanto, a confiabilidade dos relatos de violência durante o regime militar, afinal,

os militares no poder procuraram sempre atuar a partir de uma “legalidade autoritária”. Mas para combater qualquer um que contestasse o regime mais diretamente, os chamados “subversivos”, não deveria haver limite jurídico, ético ou moral. Assim, principalmente a partir de 1968, o Estado brasileiro patrocinou uma repressão ao mesmo tempo legal e ilegal, baseada em censura, vigilância, tortura sistemática, prisões ilegais e desaparecimentos. (MEMÓRIAS, [2014]).

Em 1972, após a sequência de ações que envolvem as manifestações de oposição, o grupo de teatro, o cotidiano na UnB, a revista *Tribo*, a livraria de Jorge Alegre e a difícil relação com o pai, um Martim procurado pelo Dops sai de Brasília em direção a São Paulo. Anos depois, o personagem se encontraria exilado em Paris, registrando suas memórias e revelando ao leitor os passos desse caminho, a serem publicados pelo autor nos dois volumes seguintes da série *O lugar mais sombrio*.

A partir da revisão de textos que giram em torno da historiografia e da literatura, percebeu-se a possibilidade de analisar a verossimilhança externa da obra de Hatoum (2017) e concluiu-se que diversas “verdades” da narrativa vão ao encontro daquelas levantadas pelos historiadores. Torna-se claro, após a referida verificação, que ao levar os fatos históricos para a ficção e materializá-las por meio da ótica de um personagem sensível e contemporâneo a eles, a obra literária alcança uma de suas mais importantes potencialidades: a humanização da história. *A noite da espera*, portanto, corrobora o argumento de Samuel sobre a “desrealização” praticada pela literatura, que “parte, quebra, fissura a realidade para poder recriá-la, utopicamente, com isso “desmascarando” a realidade, que se encontra alienada” (2011. p. 9). Trata-se, portanto, não apenas do fato histórico, mas da essência desse fato; ou, ainda, não apenas de um fato, mas de uma verdade.

Ler e analisar a obra de Hatoum (2017), portanto, é promover a aproximação do leitor com um período relevante na história do Brasil e contribuir com sua elucidação. Além disso, é importante destacar a importância da relação entre a literatura contemporânea e a história para o acesso a esta e à herança cultural da sociedade brasileira.

Apesar de tudo, devido à autonomia da obra, o leitor não precisa ter uma grande bagagem de conhecimento histórico para interpretá-la. Ao adentrar a ficção, ainda que esteja frente à questão histórica, ele estará, sobretudo, frente à história de Martim. Esta segue sendo a essência da literatura e a finalidade última da obra.

Referências

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais: da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2000. 668 p.

ARISTÓTELES. Poética. In: ARISTÓTELES. *Poética*. Edição bilíngue: tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 35-217.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. 204 p.

CHARTIER, Roger. Uma crise da história? A história entre narração e conhecimento. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). *Fronteiras do milênio*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. p. 115-140.

CRUZ, F. A História e as memórias do exílio brasileiro. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 20, p. 115-137, 6 jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/article/view/8139>>. Acesso em: 25 de abril de 2019.

FERNANDES, Fabricio. As estratégias discursivas de perpetradores: reflexões sobre a ditadura militar brasileira. *ContraCorrente*, [S.l.], n. 2, p. 23-42, maio 2017. Disponível em:

<<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/contracorrente/article/view/467>>. Acesso em: 02 maio 2019.

FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 61-91.

HATOUM, Milton. *A noite da espera*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 237 p.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-27

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 434 p.

MEMÓRIAS da Ditadura: Repressão. [S.l.: s.n.], [2014]. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/repressao/>>. Acesso em: 18 de abril de 2019.

PINHEIRO, Paulo. Introdução. In: ARISTÓTELES. *Poética*. Edição bilíngue: tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2015. p. 7-33.

SAMUEL, Rogel. *Novo manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 2011. 232 p.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 694 p.

WHITE, Hayden. *Trópicos do Discurso: Ensaios sobre a Crítica da Cultura*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 310 p.

Para citar este artigo

MÜGGE, Ernani; MÖLLER, Iago Ramon; DUARTE, Julia Pruss. A compreensão da história por meio da ficção: o regime militar brasileiro em a noite da espera, de Milton Hatoum. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 2, p. 324-337, maio-ago. 2019.

Os autores

Ernani Mügge é doutor em Literatura Brasileira, Portuguesa e Luso-africana (UFRGS) e pós-doutor em Cultura e Literatura (Universidade Feevale). Professor permanente e pesquisador da Universidade Feevale, atuando no PPG em Processos e Manifestações Culturais e no Mestrado Profissional em Letras.

Iago Ramon Möller é graduando em Letras Português-Inglês e bolsista de Iniciação Científica na Universidade Feevale.

Julia Pruss Duarte é graduanda em Letras Português-Inglês e bolsista de Iniciação Científica na Universidade Feevale.